

# **Coro Gulbenkian**

**Inês Tavares Lopes**



**13 mai 23**

**13 mai 23** SÁBADO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

**Coro Gulbenkian**  
**Inês Tavares Lopes** Direção

**Arvo Pärt** (n. 1935)

*Da pacem Domine*

c. 06 min.

*Magnificat*

c. 08 min.

*Nunc dimittis*

c. 07 min.

**Frank Martin** (1890-1974)

Missa para Duplo Coro

c. 27 min.

As obras musicais de Frank Martin e Arvo Pärt estão profundamente alavancadas na religião e na forma como estes compositores com ela se relacionam. Não por acaso, afirmou este último: “A religião guia todos os processos das nossas vidas, mesmo que não saibamos disso”.

Natural da Estónia, Arvo Pärt notabilizou-se por um inconfundível estilo minimalista e a sua técnica *tintinnabuli*, descrita pelo próprio como “a regra em que a melodia e o acompanhamento é um. Um mais um é um, não são dois. Este é o segredo desta técnica”. Bastante mais complexa do que faz crer, a música de Pärt assenta na subordinação completa do ritmo e da melodia a uma presença diafanamente implícita, formando uma estrutura antes do mais expressiva, a partir da voz e de harmonias elementares que vão mudando, simultaneamente, de matiz e textura, num jogo de luz e sombras. Não há tempo perceptível ou padrão métrico, antes um efeito em que trechos maiores, ou menores, conferem a sensação de movimento, de uma elegância eloquentemente simples. Modulares, enquanto ilustração deste estilo, ouviremos as obras *Da Pacem* (2004), a oração mariana *Magnificat* (1989) e o motete *Nunc dimittis* (2001).

Nascido em Genebra, na Suíça, Frank Martin estava convencido de que a principal missão do artista é conferir beleza à humanidade. Para esse fim, acreditava que não era necessário, nem desejável, dar expressão ao espírito da época. Também por isso, a sua música oscila entre uma estética repleta de reminiscências do cânone clássico e um impressionismo próprio do seu tempo.

Composta em 1922 (com exceção do *Agnus Dei*, que data de 1926), a *Missa para Duplo Coro* foi escrita de “livre e espontânea vontade, sem comissão ou remuneração”. Em 1946, durante uma palestra, dizia sobre esta obra que “através de uma modéstia instintiva, nada fiz” para que fosse estreada, concluindo “bastou-me inteiramente” tê-la escrito. Anos mais tarde, esta modéstia seria assumida pelo compositor como fruto da sua incapacidade em compreender os seus próprios sentimentos religiosos. Diante de um impulso em “suprimir momentaneamente a expressão intelectual” da sua fé, a composição da missa permitira que se conectasse, uma vez mais, com a religião, assim manifestando a fé que nele habitava. A estreia chegaria apenas 1963, pelos Bugenhagen-Kantorei de Hamburgo, sob a direção de Franz Wilhelm-Brunnert. Nessa ocasião, Martin afirmou: “Temia que fosse julgado a um nível puramente estético. Considerarei isto como um assunto entre Deus e eu (...). Senti que uma expressão pessoal de crença religiosa deveria permanecer secreta e não ser influenciada pela opinião pública”.

Notável pela sua fluidez melódica e vitalidade rítmica, esta missa assenta na justaposição de uma austeridade musical, muitas das vezes fazendo eco do cantochão gregoriano, e de uma paleta harmónica luxuriante, um quadro em que todas as opções técnico-compositivas estão em aberto, um balaço subtil entre uma tradição milenar e um idioma mais contemporâneo.



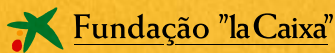
## Inês Tavares Lopes

Mestre em Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa, estudou direção coral com Paulo Lourenço, Eugene Rogers, Cara Tasher, Stephen Coker e Brett Scott, e canto com Isabel Alcobia, Ângela Silva, Joana Nascimento, Geert Berghs, Jill Feldman e Rita Marques. Lecionou no Conservatório de Música, na Escola Profissional da Metropolitana e na Academia Nacional Superior de Orquestra. Foi monitora na Escola Superior de Música de Lisboa (2015 a 2017), onde lecionou as disciplinas de coro, técnicas de direção coral, técnica vocal e conjuntos vocais e instrumentais. Maestra fundadora do Ensemble Vocal Desafinados (2012) e do Coro Juvenil da AMAL (2017), foi também membro do Tenso Europe Chamber Choir (2013 e 2014). Integrou o Coro Gulbenkian (2013-2019), colaborando também como ensaiadora. Como cantora, participa em projetos com os agrupamentos Officium Ensemble, Voces Caelestes, Ludovice Ensemble, Capella Patriarchal, Ensemble MPMP, ECCE Ensemble, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Polyphonos Ensemble. Em 2020 tornou-se diretora artística do Ensemble Vocal Aura, projeto dedicado exclusivamente a vozes femininas. Em setembro de 2021, assumiu o cargo de Maestra Assistente do Coro Gulbenkian.

## Coro Gulbenkian

O Coro Gulbenkian foi fundado em 1964 e conta atualmente com cerca de 100 cantores. Atua em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos e também *a cappella*. Para além das apresentações regulares na Fundação Gulbenkian e das digressões em Portugal, apresentou-se em numerosos países e prestigiosos palcos em todo o mundo. Interpretou, em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros e é um convidado regular de prestigiadas orquestras mundiais. Gravou um repertório diversificado para várias editoras discográficas, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XXI. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais, tais como, o *Prémio Berlioz* da Academia Nacional Francesa do Disco Lírico, o *Grand Prix International du Disque* da Academia Charles Cros e o *Orphée d'Or*. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são atualmente desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN  
PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA  
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS  
CICLO DE PIANO



MECENAS  
ORQUESTRA GULBENKIAN



GULBENKIAN.PT

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.